



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## **Descobertas sobre o colecionador benjaminiano por entre as coleções de meu pai. Experiências de vida e reflexões: do individual ao coletivo em busca de resistência**

Renata L. B. Flores<sup>1</sup>

### **Resumen:**

Descobertas sobre o colecionador benjaminiano por entre as coleções de meu pai. Experiência de vida e reflexões: do individual ao coletivo, em busca de resistência.

Walter Benjamin tem um percurso de escrita e de trabalho peculiar: propõe incessantemente alegorias para mostrar e, não, dizer. Além disso, percorre sua própria história, através de sua memória, propondo a partir daí uma leitura não autobiográfica, mas contextual, uma leitura do mundo no qual se inscreveu sujeito.

Por entre seus escritos Benjamin recorrentemente traz à tona a figura do colecionador. Caracteriza-o, contextualiza-o.

Percorrendo vários destes registros, tais como “Desempacotando minha biblioteca”, “Armários”, “Escavando e recordando” e “O colecionador”, me dei conta de que fui tendo a possibilidade de ser (re)apresentada a meu próprio pai.

O presente trabalho se propõe, assim, a trilhar um percurso benjaminiano: ao desvelar a percepção de um colecionador bem próximo, ensaio a construção da perspectiva do desaparecimento do sujeito que coleciona, como o próprio Benjamin denunciava.

E é nessa direção de (re)descobertas que o texto pretende apontar detalhes característicos do colecionador, problematizando sua inserção no mundo contemporâneo, vislumbrando a possibilidade de um caminho de resistência e busca de consolidação de certas experiências nas relações humanas.

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [renataflores@ogamita.com.br](mailto:renataflores@ogamita.com.br)



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## **Descobertas sobre o colecionador benjaminiano por entre as coleções de meu pai. Experiências de vida e reflexões: do individual ao coletivo em busca de resistência**

*Do lado esquerdo carrego meus mortos.  
Por isso caminho um pouco de banda.  
Carlos Drummond de Andrade*

Em meu primeiro grande mergulho pela obra de Walter Benjamin, posso dizer que perdi o ar várias vezes, submersa que estive este tempo na riqueza de sua obra, permeada por sua inquietude e, em tantas ocasiões, pelo tom enigmático de seus escritos. E para “chegar nele” certamente foram importantes as contribuições de outros autores que há tempos o estudam, se debruçam sobre sua vida e obra. Pelas mãos desses autores fui aos poucos sendo levada a buscar Benjamin, sabendo do relevo desta empreitada, sempre!

Benjamin não é óbvio e nos convida a todo tempo a suspender nosso ar, nossas percepções imediatas e a olhar para o que se vê buscando o que não se vê tão explicitamente.

O maior desafio nesse primeiro contato foi exatamente este, sem dúvida: ler o que estava dizendo não necessariamente pelo que escreve diretamente – até porque, como ele mesmo registrou, “*Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar*” (BENJAMIN apud MURICY, 1999, p.31). Concretizando esta ideia, Benjamin escreve como que comendo imagens, construindo formas peculiares de apresentar suas questões, o que se chama de *alegorias*. “*Para podermos nos expressar, recorreremos à alegoria: dizemos uma coisa sabendo que ela significa outra; remetemo-nos com frequência a outros níveis de significação, distintos daquele em que nos situamos.*” (KONDER, 1999, p.35)

Está claro para mim agora que perceber e entender suas *alegorias*, ao mesmo tempo em que se constitui desafio é chave. Isto porque o autor tem uma intenção ao não optar pela obviedade, sobre a qual ele mesmo aponta: “*E, assim como a cultura não é isenta da barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo.*” (BENJAMIN, 1994, p.225, grifos meus). Chave essencial, deste modo, de ingresso ao que Benjamin propõe *mostrar* e sem a qual não se acessa a importância de sua colaboração. Muricy (1999) ajuda a esclarecer um tanto desta perspectiva quando coloca que:

Contrariando também a indispensável objetividade da primitiva função sinalizadora, aqui eles [os títulos de textos do autor] mais escondem que indicam, fazendo o leitor se perder nas ruas da escrita. Este rompimento



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

com a função indicativa do título e a ironia à função utilitária das placas criticam as convenções tradicionais da escrita, ao mesmo tempo que arrancam as palavras do seu grau máximo de reificação, devolvendo-lhes à magia de pura linguagem. É esta compreensão de escrita que permite a Benjamin a construção de *alegorias dialéticas*, esse “método” que se quer desvio e é a marca inconfundível de sua filosofia. (p.32)

Não tenho dúvidas de que esta seguirá sendo a grande questão no diálogo com o autor, mas também penso que igualmente grande permanecerá sendo o desejo por desvendar mais e mais seus escritos justamente porque percebo que quanto mais fundo é o mergulho em seus textos mais se compreende do contexto, de sua filosofia, e mais se encontra caminhos para compreensão do que apresenta.

E o autor não apresenta pouca coisa! Não há como não buscar mais, visto que ele instaura um modo particular de crítica ao progresso por demais interessante e pertinente. Konder (1999) já trouxe esta ideia:

“Walter Benjamin era, sem dúvida, uma figura perturbadora. Ainda hoje seus escritos, suas atitudes – as posições que assumiu, os caminhos que trilhou – são capazes de despertar viva curiosidade e até mesmo alguma perplexidade nas pessoas, sacudindo-as e desafiando-as a reexaminar suas convicções sedimentadas.” (p. 07)

Além da escrita que se quer por imagens, Benjamin opera outra característica própria: fala de si. Mas não com uma intenção autobiográfica, muito pelo contrário. Fala de si se diluindo na linguagem, mostrando que o que lembra ter vivido traz consigo vestígios da história de uma época, de um contexto, logo, de uma comunidade. Sobre isso, Gagnebin (1994) coloca, ao falar de um específico texto do autor – *Infância Berlinese*, que no processo de sua escritura começou chamado de *Crônica Berlinese* e acabou publicado como *Infância em Berlim por volta de 1900*:

[...] como se tivesse descoberto que a sua vida estritamente singular, justamente a vida deste “eu” particular que, numa carta da época a Scholem, ele comparou a uma sequência de derrotas, que esta vida só adquiria sentido no pano de fundo de uma “experiência histórica” mais ampla [...] a lei de estruturação da obra não podia mais ser o fio das lembranças pessoais e a história – ou a crônica – de uma vida, mas devia reconstruir, além da intensidade das lembranças individuais, a densidade de uma memória pessoal e coletiva. (p.87)

De todos os meandros que a escrita benjaminiana inaugura e através dos quais pude ir ‘caminhando’ este talvez tenha sido dos mais marcantes para mim. Até porque, como a própria Gagnebin (1994) revela ao citar Adorno, essa não é a estrutura deste escrito apenas: “*Em todas as*



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

*suas fases Benjamin pensou simultaneamente o ocaso do sujeito e a salvação do ser humano.*” (apud, p. 85)

O desafio deste ensaio, assim, após esta breve introdução ao autor, é buscar neste caminho específico de sua escrita – do singular pensar o coletivo – trazer o conceito de *coleccionador* em Benjamin através de meu contato por boa parte da vida com um colecionador muito próximo, meu pai, e ainda refletir sobre “*o ocaso do sujeito e a salvação do ser humano*”.

## 1. Da vida: Armando Flores, um colecionador

Papai nasceu no Rio de Janeiro, em 03/5/1935. Neto de alemães que, embora não judeus, imigraram ao Brasil fugindo do clima tenso que a barbárie dos acontecimentos da época instalava pela Europa. Homem muito fechado, que pouco falava de sua infância, de sua história em geral. Destas, eu sabia apenas da morte de sua mãe quando ele contava três anos; do novo casamento do pai com uma mulher que se tornou madrasta, das mais caricatas do maniqueísmo literário, e com a qual teve mais filhos; da morte do pai quando estava com dezesseis. Dados que se não me engano foram contados por mamãe, não por ele. Uma das poucas coisas que ele mesmo contava referia-se à tradução de nosso nome de família – de algo como *Blume* (flor) para Flores (ele nunca escrevera o nome para eu ver, falava disso eventualmente) –, decisão de seus avós, em função do desejo de apagar os rastros alemães que a família trazia consigo, tão fortes foram as marcas cunhadas nos últimos anos de vivência em sua terra natal.

Desde antes que me entendesse por gente papai colecionava algo. Um colecionador explícito. Sua mais antiga coleção, parece-me, era a de selos. Começara esta antes mesmo de conhecer minha mãe. Tinha (e ainda os temos) álbuns e álbuns deles; falava das diferenças de importância e de valor de cada um: sempre repetia que um selo que havia sido de fato enviado numa carta era dos mais especiais, mas atentava ao fato de que com qualquer vestígio de carimbo da empresa de Correios perdia totalmente o valor.

Mas esta não era a única. Poderia dizer, sem chances de erro, que ele era praticamente um colecionador de coleções! Tinha várias e paralelas reuniões de objetos: de cartões telefônicos a bebidas estrangeiras – as quais, aliás, não consumia. Esta sua característica de colecionador era tão marcante, e seu prazer em reconfigurar suas coleções tão manifesto, que nossos presentes para ele regularmente giravam em torno delas.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

E ele definitivamente não era um homem apegado fortemente a uma específica, dedicava-se a todas sem mostrar hierarquizações, ficando feliz com o encontro de novos cartões, assim como com a compra ou com o ganho de um licor específico de tal lugar, com garrafa de tal jeito. Eventualmente, ainda, iniciava novos agrupamentos de coisas, novas coleções...

Até então, pensava eu que conhecia todas as coleções de meu pai. Até que fomos surpreendidas com sua partida e com a demanda de remexer em armários e sótãos, reorganizando a vida. E foi aí que nos deparamos com tantas outras, que não imaginava existirem tão volumosas: vidros, vidrinhos e vidrões; lâmpadas queimadas, substituídas por outras, por ele mesmo, e guardadas no quartinho da casa de veraneio teresopolitana (quase lar nos últimos tempos)... Coleções inusitadas, que eu insistia em tentar entender, ou melhor, para as quais me parecia haver algum sentido latente.

Recém envolvida com estas questões de vida iniciei a disciplina sobre Walter Benjamin e encontrei o colecionador benjaminiano. Isso mesmo! Encontrei-o!

## **2. Da ciência: o colecionador benjaminiano**

Não há como citar um único texto de Benjamin que traga consigo o conceito de colecionador totalmente disposto. Como busco explicitar na introdução deste ensaio, sua estratégia de trabalho é mesmo de outra ordem, como mais uma vez Muricy (1999) pode ajudar a esclarecer quando aponta que se trata de:

[...] uma obra que fez da descontinuidade questão, exigência epistemológica e forma de escrita [...] O ensaio, o fragmento, o aforismo – formas privilegiadas da descontinuidade – dão expressão em sua escrita ao ritmo intermitente que Benjamin reconhece como adequado ao pensamento, que volta, recomeça sempre e faz do desvio o seu método. (p. 18)

Encontramos, assim, a figura deste expressa em alguns escritos e é a partir da leitura dos vários fragmentos que podemos intentar seguir um caminho ao contrário, compilando informações e compondo a perspectiva benjaminiana de colecionador.

Para tal, não posso deixar de iniciar – elucidando o enredamento inevitável entre ciência e vida que os subtítulos desse ensaio podem vir a contrapor, o que constitui risco que não quero correr! – pontuando que o colecionismo esteve presente na vida do próprio Benjamin, dono de uma



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

coleção de livros cara a ele. Mas, como Schiavoni (1989) esclarece, presente ainda antes e mesmo depois de sua própria coleção:

[...] una tradición familiar de coleccionismo: Emil, su padre, tras abandonar sus actividades bancarias, se ocupó de antigüedades y ejerció la profesión de negociante de objetos de arte; su madre, Johanna Schönflies, descendiente de una familia de estudiosos ilustres, se jactaba de poseer una valiosa biblioteca de libros para la infancia; su mujer, Dora Kellner, la vienesa a la que Walter Benjamin consideraba como la propietaria de la Colección y a la cual – luego del divorcio en 1930 – le quedó efectivamente, era hija de una apasionada cultora de la literatura infantil que había traducido del inglés varios libros de fábulas; y su mismo hijo Stefan tendrá más tarde, en Londres, un negocio de reliquias bibliográficas “también debido a su pasión por los libros”. (p. 19)

A paixão, aliás, é elemento que parece estar bem claro no movimento do colecionador para Benjamin. Mas ao revés do que possa aparentar instantaneamente, não se trata de um ser apaixonado pelos objetos de sua coleção enquanto objetos que são, mas valorizando-os numa outra perspectiva: “*O colecionador – para quem as coisas se enriquecem através do conhecimento de sua gênese e sua duração na história [...]*” (BENJAMIN, 2009, p. 245).

Para Benjamin, colecionar é de fato ato apaixonado e está estreitamente relacionado à memória e à história. “*Este processo ou qualquer outro é apenas um dique contra a maré de água viva de recordações que chega rolando na direção de todo colecionador ocupado com o que é seu. De fato, toda paixão confina com o caos, mas a de colecionar com o das lembranças.*” (BENJAMIN, 1995, p. 227-228). E é ato que remete tanto à memória e história individuais do próprio colecionador, como a de seu contexto, à memória e à história de uma coletividade. Benjamin (2009), em certo fragmento do livro “Passagens”, escreveu:

É decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante. Esta relação é diametralmente oposta à utilidade e situa-se sob a categoria singular da completude. O que é esta “completude” <?> É uma grandiosa tentativa de superar o caráter totalmente irracional de sua mera existência através da integração em um sistema histórico novo, criado especialmente para este fim: a coleção. E para o verdadeiro colecionador, cada uma das coisas torna-se neste sistema uma enciclopédia de toda a ciência da época, da paisagem, da indústria, do proprietário do qual provém. (p. 239)

Claríssima também parece estar dentre as características do colecionador benjaminiano esta que leva o objeto a não importar pela utilidade que *a priori* teria. Ao contrário, não é um valor ligado à sua funcionalidade que conta, mas seu valor de elemento que se inscreve/inscreveu num



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

tempo-espço e que se valoriza embrenhado nas histórias que, aí sim, “conta”. De acordo com Benjamin (1995) o colecionador trava “[...] *uma relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas que as estuda como palco, como o cenário de seu destino.*” (p. 228)

E essa relação inaugura uma revisão importante da ideia de posse. “*A propriedade privada tornou-nos tão tolos e inertes que um objeto é nosso apenas quando o possuímos, portanto, quando existe para nós como capital ou quando é... **utilizado** por nós.*” (MARX apud BENJAMIN, 2009, p. 243) Benjamin cita Marx justamente para contrapor a essa lógica a postura do colecionador que, como já apontei, refere-se ao objeto com distintas intenções, com outros valores, já que “[...] *o colecionador consegue lançar um olhar incomparável sobre o objeto, um olhar que vê mais e enxerga diferentes coisas do que o olhar do proprietário profano [...]*” (BENJAMIN, idem, p. 241).

O colecionador em Benjamin, enfim, é o sujeito que recolhe pela vida objetos-registros de uma história; objetos não úteis aos fins comuns, mas únicos e especialmente valiosos, cada um, dentro da coleção à qual pertencem. O colecionador benjaminiano possui os objetos quase que como peças de quebra-cabeças, que se relacionam entre si e que juntas ‘montam’ algo. “*O colecionador [...] reúne as coisas que são afins; consegue, deste modo, informar a respeito das coisas através de suas afinidades ou de sua sucessão no tempo [...] em cada colecionador esconde-se um alegorista.*” (BENJAMIN, idem, 245)

O colecionador benjaminiano, um alegorista em essência, é um caçador de vestígios do destino que parece seguir entendendo que “*O verdadeiro método de tornar as coisas presentes é representá-las em nosso espaço [...] Assim procede o colecionador.*” (BENJAMIN, idem, p. 240)

### 3. Vida e ciência

Do singular ao plural, fui encontrando através do conceito de colecionador em Benjamin, traços de meu pai que dialogam com sua memória e com sua história, mas que se remetem também a um contexto maior do que o de sua individualidade.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. (BENJAMIN, 1995, p. 239)

“*Escavando e recordando*”, fui percebendo a unidade na desordem que sempre me pareceram ser as coleções de meu pai. Mais que isso, fui revolvendo os fatos e percebendo que o que a minha incompreensão em relação àquele ato, que figurava para mim mais como uma mania, subitamente revelava era, de algum modo, a minha exploração até então pouco cuidadosa.

E falo aqui de meu pai como representante concreto desta figura que Benjamin nos faz (finalmente!) perceber; como um dentre tantos colecionadores que ainda devem (tomara!) existir e que de algum modo são incompreendidos em sua ação.

Isto porque, entendendo que “[...] *para o colecionador, o mundo está presente em cada um de seus objetos e, ademais, de modo organizado. Organizado, porém, segundo um arranjo surpreendente, incompreensível para uma mente profana.*” (BENJAMIN, 2009, p. 241). A partir daí, as lâmpadas queimadas e reunidas ganham inevitavelmente outra perspectiva; uma perspectiva não utilitária que quem não é colecionador dificilmente conseguiria vislumbrar. Perspectiva que se reforça mais ainda ao se pensar que o “[...] *coleccionador [...] empreende a luta contra a dispersão. O grande colecionador é tocado bem na origem pela confusão, pela dispersão em que se encontram as coisas no mundo.*” (BENJAMIN, idem, p. 245)

Agora posso ver meu pai assim. Também como coletor de vestígios que pudessem falar de sua experiência de vida – individual e contextualizada. Agora posso ver suas coleções buscando nelas sua história – pessoal e de contexto. Mas ao mesmo tempo, e também com sua perda, mobilizo-me pelo que anuncia Benjamin:

[...] o fenômeno do colecionar perde seu sentido à medida que perde seu agente [...] Aliás, sei que está chegando ao fim o tipo de que falo aqui e que apresento um pouco *ex officio*. Mas como diz Hegel: “Só com a escuridão é que a coruja de Minerva inicia seu vôo”. Só quando extinto é que o colecionador será compreendido. (1995, p.234-235)

Será que precisaremos chegar à extinção para valorizar este perfil de sujeito que, nas palavras de Konder (1999), “*Possuído por uma mania que não se dobra às explicações ‘bem-comportadas’, o colecionador põe a nu contradições significativas; e pode contribuir, mesmo sem intenção, para ‘desbloquear’ um quadro estagnado por interpretações dogmáticas.*” (p. 91)?

Tomada pela pergunta e pelo receio não posso deixar de me alarmar um tanto mais lembrando da releitura/revisão que Sarlo (1997) faz do conceito de colecionador na contemporaneidade. Diz ela: “*Hoje o sujeito que pode entrar no mercado, que tem o dinheiro para*



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

*intervir nele como consumidor, é uma espécie de **coleccionador às avessas**. Em vez de coleccionar objetos, colecciona atos de aquisição de objetos.”* (p. 26)

Como, depois de conhecer meu pai e de encontrá-lo no coleccionador benjaminiano, poderia permanecer impassível frente a esta lógica que desloca o valor de permanência dos objetos e o aloca em fugazes momentos de aquisição – eminentemente financeiramente mediados?

Com essa pergunta também ressoando, encontro no próprio texto de Benjamin (1995) um caminho ao ler que: “[...] *a atitude do coleccionador em relação aos seus pertences provém do sentimento de responsabilidade do dono em relação à sua posse [...] Assim, a transmissibilidade de uma coleção é a qualidade que sempre constituirá seu traço mais distinto.*” (p. 234)

As coleções de meu pai agora têm nova dona.

#### **4. Transmissibilidade como busca de resistência**

Num contexto mais particular sinto ter encaminhado minha questão. Mas sou também sujeito de um tempo histórico, no qual estou inserida de forma irremediável. Neste sentido, me instigo a caminhar um tanto mais nesse exercício reflexivo e a pensar nesta questão lembrando-me de um contexto maior que me cerca.

Sou educadora. Trabalho com crianças que nascem e crescem imersas nesse mundo contemporâneo povoado pelo ‘*progresso*’ que, segundo Benjamin, tanto espantava ao *Angelus Novus*<sup>2</sup>. Mundo que segue como “[...] *uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa sobre nossos pés.*” (Benjamin, 1994, p. 226); mundo que substitui a narração pela informação; mundo que ameaça aniquilar o *coleccionador*; e ao mesmo tempo, por isso mesmo, mundo que me impele à busca de resistência!

Como posso participar do processo de crescimento de crianças, contribuir com a construção de suas significações em relação a este mundo que as cerca, sem me comprometer de modo coerente com esta esfera de minha existência?

Pensando nisso, não escapo de me reportar às referências das relações entre adultos e crianças existentes nos escritos benjaminianos. Bolle (1984) aponta:

---

<sup>2</sup> Referência à leitura que Benjamin faz da obra de Paul Klee em sua 9ª tese em Sobre o conceito da História (idem).



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

Como adversário principal do jovem Benjamin – não obstante o privilégio de ter sido aluno de uma escola experimental – cristaliza-se, desde cedo, a figura do filisteu, a do pedagogo que vê como sua tarefa principal inculcar à criança princípios e imperativos. (p. 15)

Foi cedo, na adolescência ainda, que Benjamin iniciou sua estruturação como um crítico da cultura. E especialmente junto ao adulto, à crítica a este sujeito quase dogmático, é que tece suas até hoje pertinentes críticas à escola.

Lá, ele observa o predomínio da informação sobre a formação, do ensino profissionalizante sobre a preocupação com a totalidade e a individualidade de cada ser humano, do espírito burocrático sobre o espírito de pesquisa. Longe de ser uma comunidade é um mundo amarrado a hierarquias e convenções. (BOLLE, 1984, p. 16)

Por esta breve contextualização posso afirmar então que só percebo minha atuação como coerente se for no sentido de resistir a esses modos de dominação indicados e praticados, entendendo que há tempos “[...]a técnica traiu a humanidade[...]” (BENJAMIN, 1995, p. 69)!

Assim, se entendo que a transmissibilidade de uma coleção pode ser um caminho particular de resistência, percebo que trilhar um percurso na escola que priorize a formação e não a informação, que fuja dos procedimentos burocráticos e fomente o espírito de pesquisa, por exemplo, precisa ser intenção já que pode ser um modo mais geral e contextualizado de buscar resistir a esse rumo que temos tomado como sociedade.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## Referências

BENJAMIN, Walter. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. Summus, São Paulo, 1984.

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas I**: Magia e técnica, arte e política. Editora Brasiliense, São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas II**: Rua de mão única. Editora Brasiliense, São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. **Passagens**. Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Belo Horizonte/São Paulo, 2009.

BOLLE, Willi. Walter Benjamin e a cultura da criança. In: **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. Summus, São Paulo, 1984.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. Perspectiva, Campinas, 1994.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin**: O marxismo da melancolia. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1999.

MURICY, Kátia. **Alegorias da dialética**: Imagens e pensamento em Walter Benjamin. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1999.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na argentina. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

SCHIAVONI, Giulio. Frente a un mundo de sueño. Walter Benjamin y la enciclopedia magica de la infancia. In: **Escritos**: la literatura infantil, los niños y los juvenes. Ed. Nueva Visión, Buenos Aires, 1989, p. 09-33.